

2.

O jornal: comentador do cotidiano

Como ponto de partida optamos por apresentar alguns argumentos teóricos que nos orientaram na escolha do jornal como um objeto de pesquisa, com diferentes funções, mas especialmente como instrumento para o desenvolvimento da pesquisa de campo a partir de oficinas com jovens, caracterizadas como *rodas de conversas*. Nesta perspectiva, a respeito da utilização do jornal como estratégia metodológica, Spink (2006) afirma que os jornais fazem parte das múltiplas práticas do cotidiano e, portanto, oferecem pistas para a reflexão das realidades nele apresentadas. Nessa pesquisa, o jornal foi essencial para ilustrar e confirmar uma realidade muito presente, porém conhecida muitas vezes apenas a partir de dados e estatísticas.

Benedito Medrado (2004) ressalta em seu artigo “*Textos em cena: mídia como prática discursiva*” que na sociedade contemporânea, os meios de comunicação assumiram um papel fundamental no processo de construção e circulação de repertórios, tendo em vista, principalmente, sua afluência de público e, conseqüentemente *influência* sobre o cotidiano das pessoas. “Desse modo, ela confere uma visibilidade sem precedentes aos acontecimentos, informações e descobertas” (p.245).

A hipótese é que se é possível dar pouca atenção as estatísticas acerca da situação da juventude na contemporaneidade, é praticamente impossível não perceber sua freqüente presença nos meios de comunicação. É razoável desconhecer quais os municípios mais ou menos violentos para essa faixa etária, no entanto é improvável não perceber a vitimização dos jovens nas editoriais dedicadas a cidade e ao país.

Entre os meses de maio de 2008 e janeiro de 2009 foram coletadas aproximadamente 230 notícias protagonizadas por jovens em situações de risco e violência. O levantamento desses dados foi feito no jornal O GLOBO. Este veículo impresso foi escolhido por tratar-se de um jornal de grande circulação e

abrangência de assuntos, com seções como *Rio* e *O País*, dedicadas, respectivamente, a acontecimentos da cidade e estado do Rio de Janeiro e do país.

Do total de notícias coletadas, mais de 50% comunicavam óbitos, como por exemplo, a notícia de uma bala perdida que mata um jovem em Cordovil (fig.1). A outra metade se dividiu entre informações estatísticas acerca da temática, ou seja, reportagens que trazem dados comparativos do Índice de Homicídios na Adolescência (IHA) entre Rio e São Paulo (fig.2) e planos de ação governamentais para redução dos números de homicídios, tal como a implementação da Lei Seca para diminuir acidentes e óbitos no trânsito. (fig.3).



Fig.1.

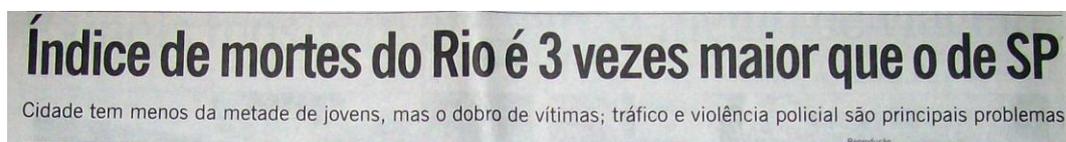


Fig 2.



Fig.3.

O processo de coleta das notícias se dava diariamente. Com frequência havia notícias sobre o tema na capa; entretanto majoritariamente as editoriais habituais eram *Rio* e *O País*. Em artigo sobre a tematização social dos jovens no Brasil, Helena Abramo (2007) destaca o lugar do jovem nos meios de comunicação de massa. A autora comenta que da televisão à grande imprensa, passando pelas rádios, revistas etc, assistimos a uma avalanche de produtos especialmente dirigidos ao público adolescente e juvenil, mas também ao crescimento de noticiário a respeito de jovens.

De forma geral, e grosso modo, pode-se notar uma divisão nestes dois diferentes modos de tematização dos jovens nos meios de comunicação. Nos casos dos produtos diretamente dirigidos a esse público, os temas normalmente são cultura e comportamento: música, moda, estilo de vida e estilo de aparecimento, esporte, lazer. Quando os jovens são assunto dos cadernos destinados aos “adultos”, no noticiário, em matérias analíticas e editoriais, os temas mais comuns são aqueles relacionados aos “problemas sociais”, como violência, crime, exploração sexual, drogadição, ou as medidas para dirimir ou combater tais problemas (p.73).

Embora, a coleta das notícias não tenha se restringido a nenhuma seção específica – abrangendo, portanto matérias de cadernos dirigidos aos jovens e as seções gerais do jornal – a maior incidência de notícias com foco na violência e na condição de vulnerabilidade concentraram-se nessas últimas, reforçando o argumento da autora.

No entanto, o caderno dirigido propriamente aos jovens – no O GLOBO chama-se Megazine – foi útil por ser o espaço no jornal onde o jovem tem a oportunidade de falar de si mesmo. Nesse sentido, comportamento, expectativas e opiniões sobre a temática da pesquisa puderam ser encontradas nesse espaço.

As notícias iam sendo recortadas, digitalizadas e armazenadas em pastas para posterior análise. Inicialmente, foram criadas apenas duas pastas no computador, uma nomeada *riscos*, onde seriam armazenadas notícias em que os jovens haviam assumido comportamentos de risco – direção perigosa, abuso de álcool e drogas ilícitas – e outra denominada *vulnerabilidade*, para guardar notícias referentes à condição de vulnerabilidade dos jovens diante de violências infligidas – balas perdidas, violência policial e decorrentes da ação do crime organizado, são exemplos de notícias arquivadas nessa pasta. Em poucas semanas essas duas categorias já não eram suficientes.

Ocorreu que, à medida que as notícias iam sendo coletadas foi-se percebendo a necessidade de criar mais pastas diferenciadas para armazená-las. Já havia criado categorias para notícias referentes a acidentes de trânsito – com subcategoria para Lei Seca –, crime organizado, crime cometido pela polícia, drogadição, no entanto, a cada dia surgiam notícias de violência de outra ordem, com especificidades e âmbitos diversos. Em setembro e outubro de 2009 duas notícias chamaram a atenção. A primeira foi a reportagem sobre a morte de um jovem espancado por colegas de classe, após um corte de cabelo em Silva Jardim, estado do Rio. A segunda, que teve repercussão nacional, trata-se da reportagem

sobre o seqüestro de um grupo de jovens na periferia de Santo André-SP que culminou na morte da jovem Eloá, 15 anos, assassinada pelo ex-namorado. Ambas as notícias reforçaram a sensação de que *riscos* e *vulnerabilidade* não seriam conceitos suficientes para categorizar as notícias. Tal constatação auxiliou na percepção de que mesmo nas situações ditas de risco havia um contexto de vulnerabilidade envolvido. Dito de outro modo, todas as notícias falavam de um estado de vulnerabilidade – mais ou menos objetivo – que demandava uma investigação mais aprofundada.

A partir da análise dos conteúdos e das conclusões iniciais percebeu-se a necessidade de buscar uma conceituação para o termo vulnerabilidade, pois este se configurou como central para a análise do problema da violência no contexto das populações jovens. Ainda que todas as notícias tratassem do mesmo tema ficou evidente que as especificidades de contextos sociais e culturais e situações não poderiam ser ignoradas, sendo elemento fundamental para uma conceituação mais precisa do conceito de vulnerabilidade e risco. A heterogeneidade das notícias forneceu a pista da pluralidade do conceito. Embora, o critério da coleta tenha sido a presença do jovem nas notícias relacionadas à condição de vulnerabilidade e violência urbana, o que se constatou foi que em alguns grupos de notícias essa era a única coisa em comum entre elas.

Assim, em paralelo a coleta e arquivamento das notícias de jornal, fez-se necessária uma revisão teórica, tendo como propósito principal compreender e conceituar o termo ‘vulnerabilidade’ a partir da sistematização oferecida por pesquisadores que já vinham se debruçando sobre este tema e oferecendo subsídios para avançarmos sobre esta discussão. Veremos a seguir a discussão do conceito tal como apresentado na literatura consultada.